

GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO SOBRE A BNCC¹

Julliana Raquel da Silva Simão²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O avanço tecnológico tem nos tornado cada vez mais reféns ao que chamamos de internet. Esse sistema de redes surgiu na década de 90, e a partir dele o acesso à informação ficou imediato e momentâneo, de modo a tornar totalmente possível a comunicação com alguém que está do outro lado do planeta. Com todo esse avanço, os textos ganharam uma nova configuração, pois eles também estavam presentes no espaço virtual, utilizando recursos como sons e imagens em sua estrutura, e gerando uma maior interação entre o autor e o leitor.

O texto virtual recebeu outra nomenclatura, hipertexto, criado pelo filósofo Ted Nelson, nos anos 60, para descrever como funcionava uma plataforma de computação em que ele trabalhava. Essa revolução no campo da linguagem trouxe modificações nas práticas de leitura, escrita e interação o qual representou, deste modo, uma escritura eletrônica não sequencial e não linear, que se fraciona e permite ao leitor o acesso a novos saberes, a partir de links ilimitados (MARCUSCHI, 1999). As novas práticas linguísticas advindas da internet promoveram o aparecimento de novos gêneros textuais. Mas será que estes gêneros são novos mesmo? No desenvolver deste trabalho, tecemos alguns questionamentos importantes sobre aquilo que é considerado novo.

Tornou-se inevitável a presença das tecnologias em novos espaços sociais, como na escola. Hoje, na educação, o uso das novas tecnologias colaboram para uma aula mais atrativa e efetiva, uma vez que antes, os objetos de estudo eram extraídos apenas de materiais impressos em livros, enciclopédias, jornais, dicionários e

¹ Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação do Prof. Dr. Ewerton Luna.

² Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

gramáticas. As práticas de linguagem contemporâneas, se destacam, sobretudo, entre os adolescentes e jovens por serem formas de comunicação mais velozes e interativas (como WhatsApp, Instagram, chat, e-mail, blogs, fóruns de discussão).

É considerando essas transformações advindas das novas tecnologias, que este trabalho objetiva analisar as possibilidades e os desafios da inserção das novas práticas discursivas digitais nas aulas de língua portuguesa e como isso fica evidenciado na Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC).

Foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica que destaca as definições de hipertexto e ciberespaço, para entendermos de onde surgiu e o que seria os gêneros digitais. Além disso, realizou-se uma análise das orientações trazidas pela BNCC sobre os gêneros digitais na sala de aula, visto que este documento oficial permeia nosso *fazer* na educação, pois tem como objetivo central a garantia de todos os estudantes (de norte a sul do país, de escolas públicas e privadas) o aprendizado de um conjunto básico de conhecimentos e habilidades comuns.

Além desse tópico de Introdução, o trabalho está disposto em quatro tópicos basilares de fundamentação. No primeiro, discutimos noções e definições de ciberespaço. No segundo, pontuamos a noção de gêneros digitais juntamente com a noção de hipertexto. No terceiro, tecemos reflexões e levantamentos sobre a inclusão digital nas escolas. Depois, levantamos questionamentos acerca da BNCC e as novas tecnologias. E, por fim, trazemos o tópico das considerações finais.

CIBERESPAÇO

Sabemos que a comunicação é possível em todos os lugares, nunca foi tão fácil se comunicar. Afinal, a internet possibilita a interação entre pessoas de locais totalmente diferentes. Os veículos que carregam a informação sofrem diversas transformações com o avanço da sociedade, aproximando as pessoas através da propagação ilimitada de informação na rede virtual.

O ambiente onde ocorre a interação por meio das novas tecnologias é chamado de ciberespaço, cujo crescimento ocorreu de maneira internacional com o objetivo de

buscar novos métodos de comunicação diferentes dos tradicionais. E enquanto integrantes de uma sociedade, devemos explorar as potencialidades mais positivas deste espaço, seja no plano econômico, político ou cultural.

Segundo Lévy (1999, p. 15),

o ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Consideramos um ciberespaço aquele que permite uma comunicação na ausência de tempo, de espaço e do corpo físico. Para tal, se faz necessário a instantaneidade e agilidade nas relações, pois estes são instrumentos indispensáveis à comunicação via internet (LÉVY, 1999). A cada momento novos meios são criados virtualmente, e a realidade pode ser simplesmente atualizada.

GÊNEROS DIGITAIS

O crescimento da tecnologia provocou várias mudanças na sociedade, como por exemplo, aplicativos de bancos e lojas online, além de possibilitar um jeito mais descontraído de se comunicar. No ambiente virtual, observamos uma crescente modificação nos aspectos linguísticos, a leitura tradicional, que estávamos mais acostumados, agora se torna mais comum em hipertextos. Diante disso, definimos hipertexto como:

Dispositivo 'textual' digital multimodal e semiolinguístico (dotado de elementos verbais, imagéticos e sonoros), disponibilizado na Internet em um endereço eletrônico, e que se encontra interligado a outros hipertextos mediante os hiperlinks (links) que o constituem. (XAVIER, 2002, apud KOMESU, 2005, p. 8)

Ler um hipertexto é diferente de ler um texto tradicional, através dele é possível fazer, simultaneamente, referências a outros assuntos; no ciberespaço, com apenas um clique adicionamos informações, rompendo, assim, os limites das páginas. O hipertexto é um texto interativo e multimodal, que permite uma leitura não-linear, em que o leitor tem a liberdade de agregar mais conteúdo ao texto, utilizando recursos como vídeos, imagens, sons, etc. Embora Xavier (2002) traga a definição de

hipertexto como um dispositivo digital, é importante compreender que o hipertexto pode ser qualquer texto dentro de outro texto que ofereça informações adicionais, de forma a tornar a leitura mais dinâmica. Segundo Koch (2005),

O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz do leitor, simultaneamente, um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de maneira a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. No hipertexto, contudo, tais possibilidades se abrem a partir de elementos específicos nele presentes, que se encontram interconectados, embora não necessariamente correlacionados - os *hyperlinks*. (KOCH, 2005, p. 63)

Deste modo, entendemos que a hipertextualidade já existia nos textos impressos (como nas notas de rodapé, índice, etc), sendo assim, ela não precisa necessariamente do suporte digital. No entanto, a sua popularização se deu com a chegada da internet, o que resultou no surgimento dos hiperlinks.

Os textos digitais, assim como os tradicionais, possuem diversos formatos, o que implica no aparecimento de variados gêneros discursivos no ambiente virtual, como por exemplo, GIF, fanfiction, vlog, wiki, que podem ser de natureza argumentativa, crítica, narrativa, etc. Marcuschi (2003, p. 5) define gêneros discursivos como “os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sociocomunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas”. Portanto, compreendemos que os gêneros que mantêm uma relação de dependência com a tecnologia, favorecidas pelo ciberespaço, são considerados gêneros textuais digitais.

A rede virtual nos impulsiona para a agilidade e praticidade. À medida que nos envolvemos com ela, vamos sentindo a necessidade de escrever mais rápido, com muitas abreviações, reduções de palavras e emojis. Essa prática de tornar a comunicação mais instantânea, promoveu o nascimento de uma nova variante linguística, a escrita virtual (também conhecida como *internetês*). O internetês começou a ter suas próprias características, sendo necessário a adaptação dos usuários a estes novos modelos de escrita para fazer parte da era digital.

Aquele que se aventura a tentar utilizar totalmente o código de escrita padrão da língua portuguesa em determinado contexto do meio virtual, por exemplo, está sujeito a ser rejeitado em grupos sociais mais extremistas que não o

fazem, pois sua língua não segue os padrões determinados nesse contexto. (LOPES, 2015, p. 46)

A utilização do internetês, como muitos pensam, não configura uma grafia errada, visto que há uma condição específica para desenvolvê-la, apenas é uma variação da norma culta padrão. Contudo é importante ressaltar o seu uso atrelado ao contexto virtual, não interferindo nos escritos convencionais.

Com toda essa revolução tecnológica, nos diversos aspectos da vida social, os gêneros textuais já existentes são transportados para o meio digital, sofrendo algumas adaptações provenientes do ciberespaço. Segundo Marcuschi (2004), os novos gêneros textuais derivam dos gêneros tradicionais:

Quadro 1 - Gêneros do presente e Gêneros tradicionais

	GÊNEROS DO PRESENTE	GÊNEROS TRADICIONAIS
1	E-mail	Carta pessoal/ bilhete/correio
2	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos)
3	Chat reservado	Conversações duais (casuais)
4	Chat ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados)
5	Chat em salas privadas	Conversações (fechadas)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoas convidadas
7	E-mail educacional (aula por e-mail)	Aulas por correspondência
8	Aula chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Videoconferência interativa	Reunião de grupo/conferência/debate
10	Lista de discussão	Circulares
11	Endereço eletrônico	Endereço pessoal
12	Blog	Diário pessoal, anotações, agendas.

Fonte: Marcuschi (2004, p. 31).

Desta maneira, entendemos que, com as mudanças sociais, é natural que os gêneros se moldem à nova realidade (porque a língua é viva), promovendo o aparecimento de novas formas de comunicação que irão sobreviver ou desaparecer com o passar do tempo. Como é o caso de algumas plataformas virtuais de relacionamento que foram praticamente extintas, a exemplo disso temos o Orkut e o MSN. Isso quer dizer que os gêneros são versáteis e por essa razão, segundo Marcuschi (2004), não há

gêneros genuinamente digitais, e sim uma migração de seu suporte, de modo que suas características estruturais sejam definidas pelo uso do computador com internet.

ESCOLA COMO ESPAÇO DE INCLUSÃO DIGITAL

A escola, como um espaço que atende as demandas da sociedade, pode e deve possibilitar a inclusão digital dos alunos, mas para isso, é imprescindível o letramento digital dos professores e coordenadores pedagógicos. É desafiador trabalhar com gêneros digitais na escola, tudo que é novo nos causa uma certa estranheza e desconforto. A inclusão tecnológica no espaço de aprendizagem cria uma autonomia ao professor e desperta nos alunos motivação e protagonismo. A escola do século XXI não pode ignorar o fato de que as crianças já nascem no mundo do *click* (geração Z e geração Alpha), e em função disso, se torna incoerente elas aceitarem um modo de aprendizagem ultrapassado, que não utiliza a praticidade das tecnologias para construir uma aula interessante e condizente com sua realidade. Perrenoud (2000) acrescenta que:

Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p.128).

Um grande desafio para a inclusão digital nas escolas está na infraestrutura e na desigualdade social. Apesar do crescimento da era digital, ainda assim existem muitas pessoas excluídas nesse universo. Pierre Lévy (1999, p. 11) afirma que “A questão da exclusão é, evidentemente, crucial”. A desigualdade digital cresce na mesma proporção da desigualdade social entre ricos e pobres. Com a chegada da pandemia da Covid-19 em 2020, essa exclusão tecnológica ficou ainda mais evidente. Neste período, as aulas, trabalho e lazer estavam acontecendo, quase que exclusivamente, em plataformas digitais, que exigem equipamentos adequados e acesso à internet, entretanto nem todos possuem estrutura necessária para adentrar nesse espaço virtual, o que gerou uma lacuna ainda maior na educação brasileira. Em geral, instituições da rede pública são carentes de tecnologias educacionais, portanto, sanar esta lacuna depende, sobretudo, de iniciativas governamentais que

promovam a inclusão digital em larga escala por meio da correta distribuição das verbas federais.

O ProInfo (Programa Nacional de Tecnologia Educacional) é um dos programas de investimento federal, criado em 1997, que objetiva promover “o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica” (BRASIL). Maria Aparecida Ramos da Silva (2018), em seu livro *Inclusão digital nas escolas públicas*, afirma que a inserção digital na escola é capaz de modificar a conjuntura atual da educação brasileira:

Ao serem implementadas nas escolas, a partir do uso pedagógico das novas TICs, essas políticas públicas de inclusão digital promovem um impacto na área educacional. Isso modifica as relações no ambiente escolar, que permitem alterar substancialmente as formas de ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, que contribuem para uma mudança de um novo paradigma educacional. (SILVA, 2018, p. 63)

Hoje, quem não manipula as novas tecnologias de informação é considerado um analfabeto digital e por isso sofre diversas privações. Somente a democratização do acesso à internet é capaz de minimizar essas barreiras. Como cidadãos, temos o direito e o dever de manusear efetivamente essas inovações para atuar nas diversas esferas sociais, e a escola possui o papel de nos auxiliar nesse processo de alfabetização digital.

OS GÊNEROS DIGITAIS E A BNCC

É comum encontrarmos docentes com uma certa preocupação sobre o uso das novas tecnologias no processo de aprendizagem. Eles acreditam que essas tecnologias possam atrapalhar a concentração e, talvez, um dia, tomar o espaço do professor em sala de aula. Entretanto, esta visão passa a ser ultrapassada, já que trabalhar com recursos digitais pode ser uma forma mais dinâmica e prazerosa para o aluno, além de ser uma das práticas do letramento digital orientada pela BNCC.

A BNCC está repleta de informações sobre o uso de tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa. Este documento tem como propósito promover a unificação de saberes básicos, necessários para uma educação justa e de qualidade em todo território brasileiro. Suas orientações devem ser seguidas em todas as escolas públicas e

privadas, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Todavia, sabemos das diversas dificuldades que algumas instituições podem enfrentar no cumprimento daquilo que é dito como “base”.

A utilização e compreensão digital estão descritas na BNCC como uma das competências de linguagem a ser desenvolvida pelos estudantes, com o intuito da atuação crítica e reflexiva nas diversas práticas de linguagem presentes na sociedade. No documento em questão, o texto passa a ter um lugar de centralidade nos estudos da língua, desta maneira se torna importantíssima a relação da produção textual (seja ela escrita ou oral) com o contexto em que gênero está inserido.

O papel da escola frente às novas tecnologias vai além da habilidade dos alunos com as ferramentas digitais, é necessário o reconhecimento dos mais variados discursos na rede virtual e a construção de sentido acerca de seus conteúdos. É indispensável que os leitores digitais criem suas próprias opiniões a respeito daquilo que estão consumindo virtualmente. Diante disso, a BNCC expõe:

Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um gif ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir gifs e memes significativos também podem sê-lo (BRASIL, 2018, p. 69).

Estamos em constante contato com as tecnologias digitais e o fato de dominá-las, conscientemente, se tornou uma demanda social, portanto, a escola precisa ser um ambiente que prepara o estudante para as questões sociais. Em vista disso, a BNCC trás o seguinte no que tange ao ensino de Língua Portuguesa:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p.67).

Dessa forma, devemos levar em consideração o multiletramento, que envolve os diversos tipos de linguagem (visual, sonoro, verbal) e de cultura, a fim de preparar os alunos para percorrerem entre os inúmeros contextos e espaços do mundo globalizado. O documento também pontua sobre a importância de alertar os alunos perante os discursos de ódio, tão presentes nas redes sociais, para que eles

consigam lidar com esse tipo de informação, como também refletir acerca dos limites que existem nas publicações online. A internet, como muitos pensam, “não é terra de ninguém”, existem direitos e deveres que devem ser respeitados e para isso é fundamental uma instrução por parte da escola (e também da família). Outro ponto abordado pela BNCC, são as *fake news*. O uso das ferramentas digitais precisa ser de forma cuidadosa, verificando a fonte, o site e o autor, por essa razão, jovens e adolescentes precisam ser estimulados a analisar aquilo que consomem na internet, para evitar a disseminação de notícias falsas.

Não podemos deixar de ressaltar que a inserção de novos gêneros nas aulas de Língua Portuguesa, não pode ser em detrimento dos gêneros tradicionais como a “notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc, próprios do letramento da letra e do impresso” (BRASIL, 2018, p.69). A abordagem deve ser realizada simultaneamente, cada um com sua devida função na sociedade, pois nenhum gênero é melhor e nem pior. O trabalho com gêneros não pode ser discriminatório. É fundamental um trabalho em sala de aula que envolva “o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente” (BRASIL, 2018, p.70). Apenas dessa forma haverá o multiletramento e a valorização da diversidade cultural existente no país.

Para finalizarmos o estudo dos gêneros digitais e a BNCC, salientamos a importância que o documento traz a respeito do diálogo entre todas as habilidades e competências de linguagem, com as demais áreas do conhecimento (matemática, ciências da natureza, ciências humanas e sociais aplicadas), visando a “importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes” (BRASIL, 2018, p. 84). Não sendo diferente, essa inter-relação também deverá ocorrer com os gêneros digitais pontuados no documento porque

A cultura digital perpassa todos os campos, fazendo surgir ou modificando gêneros e práticas. Por essa razão, optou-se por um tratamento transversal

da cultura digital, bem como das TDIC , articulado a outras dimensões nas práticas em que aparecem (BRASIL, 2018, p. 85).

Os gêneros, de uma maneira geral, não se realizam de forma isolada nos contextos sociais, por isso eles são considerados multimodais e necessitam de uma abordagem que garanta o desenvolvimento cognitivo dos alunos, bem como um processo de familiarização com as distintas semioses e suportes em que eles podem aparecer. É importante atentarmos para a inclusão dos gêneros digitais na escola como uma forma de intervenção social, assim como os gêneros tradicionais, capaz de promover o desenvolvimento do pensamento crítico e posicionamentos baseados em valores como ética e honestidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou as mudanças dos avanços tecnológicos provocadas na linguagem e a importância da escola na internalização dos recursos digitais no processo de ensino e aprendizagem, além de refletir sobre as orientações da BNCC acerca da cultura digital. Estar em pleno século XXI e não fazer usos de ferramentas digitais é deixar de acompanhar as mudanças do mundo e se tornar ultrapassado ou *cringe* (como os adolescentes da geração Z chamam aqueles que passam vergonha na internet). A comunicação agora é muito mais rápida e dinâmica e isso possibilitou o surgimento da variação linguística da internet.

O uso da tecnologia traz diversas possibilidades para a educação. No ensino de língua portuguesa, o professor pode utilizar como objeto de estudo as próprias mensagens dos alunos no Whatsapp, o novo meme que está circulando no Instagram, ou ainda uma notícia local com vários links espalhados ao longo do texto, sendo considerado o contexto, a linguagem, o assunto. São inúmeras as possibilidades de incentivar o aprendizado colaborativo e significativo dos estudantes. Para isso, cabe à escola garantir meios que integrem efetivamente as novas tecnologias em seus currículos escolares, não sendo algo opcional, e sim fundamental para a formação completa do alunado, conforme aponta a Base Nacional Comum Curricular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 16 de abril de 2022.

_____. ProInfo. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proinfo>> Acesso em: 30 de abril de 2022.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOMESU, Fabiana. **Pensar em hipertexto**. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/Pensar_em_hipertexto.pdf> Acesso em: 25 de março de 2022.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linearização, cognição e referência**: o desafio do hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

_____. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: Hipertexto e Gêneros Digitais. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos– Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, Juliana Lopes dos. **Entre a internet e a escola**: A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares/ Juliana Lopes dos Santos, orientador Paulo Chagas de Souza– São Paulo, 2015.

SILVA, Maria Aparecida Ramos da. **Inclusão digital nas escolas públicas**: o uso pedagógico dos computadores e o PROINFO Natal/RN. Natal: EDUFRRN, 2018.

XAVIER, A.C.S. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado) em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2002.